

DA RESIGNAÇÃO DE LAURA À IMITAÇÃO DA ROSA: O LUGAR DA MULHER NO CONTO DE CLARICE LISPECTOR

Jailma da Costa Ferreira; Otaíza dos Santos Silva

Universidade Estadual da Paraíba
jailma.jdf@gmail.com; otaizasilva@gmail.com

Resumo: Nossa pretensão neste artigo é realizar uma leitura crítico-interpretativa do conto *A imitação da rosa*, do livro *Laços de família* (2009), de Clarice Lispector, atentando-nos para o lugar ocupado por Laura, protagonista da narrativa, cuja vida se restringe ao espaço doméstico e à convivência com um casal de amigos, Carlota e João, através de jantares eventuais. Nesses momentos, Laura e Carlota falam sobre coisas de mulheres e Armando e João sobre assuntos dos jornais. Percebemos, com isso, que os espaços femininos são bem delimitados na narrativa clareciana. Dessa forma, é nosso objetivo discutir sobre o lugar da mulher na sociedade, especialmente, aquele ocupado pela protagonista. Para tanto, recorreremos aos estudos de Lajolo; Zilberman (1998) e Telles (2010).

Palavras-chave: Mulher, Narrativa, Clarice Lispector.

INTRODUÇÃO

No conto *A imitação da rosa*, do livro *Laços de família* (2009), de Clarice Lispector, é narrado o cotidiano de Laura, uma mulher cuja principal (ou única) obrigação é cuidar da casa, esperar o esposo, Armando, chegar do trabalho e, algumas vezes, sair para passear na companhia do marido e de um casal amigo, Carlota e João. A narrativa tem início com Laura esperando o marido chegar para irem jantar com os amigos já mencionados. Enquanto espera, Laura começa a imaginar como sempre acontece aqueles passeios: Armando parece esquecer dela, enquanto empolga-se em conversar com outro homem; Carlota desatenciosa e desinteressada nas suas conversas.

Diante desses pensamentos, acerca da sua relação com o esposo e com a amiga, volve-lhe ao pensamento o quanto se considera chata na sua relação conjugal e até mesmo na sua relação com a empregada, Maria. Ao devagar nestas ponderações, a protagonista se depara com um ramalhete de rosas, posto sobre a mesa da sala, o qual a leva a devaneios e conflitos entre aquilo que ela é e gostaria de ser.

Naquelas rosas, Laura enxerga a si mesma, ao mesmo tempo em que vê aquilo que lhe falta, que segundo ela seria a beleza e a

tranquilidade das flores. Com isso, a protagonista decide levar o ramalhete de flores para presentear Carlota, pois seria um modo de demonstrar gentileza e obter a admiração de sua amiga e também de Armando, que consideraria nobre o gesto da esposa. Contudo, dar as rosas também seria um modo de livrar-se daquilo que lhe estava incomodando, revelando-lhe o que antes não conseguia (ou não queria) enxergar em si mesma.

Isto considerado, temos como objetivo analisar neste trabalho o papel social ocupado por Laura, a partir do seu relacionamento com Armando, com Carlota e do lugar social que ocupa na sociedade, limitando-se apenas a ser dona de casa e esposa. Dessa forma, nosso artigo torna-se relevante por oportunizar discussões acerca da mulher na literatura, tendo em vista estudar “a representação da mulher enquanto personagem nos textos literários” (DUARTE, 2008, p. 9), como também privilegiar a pesquisa acerca da literatura escrita por mulheres, o que é de suma importância para dar visibilidade à mulher no âmbito dos estudos literários, “seja resgatando nomes e obras perdidas no tempo, e fazendo a revisão do cânone literário, seja refletindo sobre a condição da mulher/escritora contemporânea, como sujeito da própria história” (DUARTE, 2008, p. 9).

METODOLOGIA

A perspectiva metodológica que orienta esta pesquisa é de natureza qualitativa, ao que diz respeito à abordagem; quanto ao procedimento, adotamos a pesquisa bibliográfica. Procuramos, pois, através desses métodos, analisar o conto *A imitação da rosa*, do livro *Laços de Família* (2009), da escritora Clarice Lispector, nascida na Ucrânia, mas naturalizada no Brasil, evidenciando na narrativa como se configura o lugar da protagonista, Laura, a partir da relação que entretém com seu esposo (Armando) e com sua amiga (Carlota).

Para tanto, recorreremos às contribuições teóricas de Telles (2010) e Lajolo; Zilberman (1998), acerca dos estudos do papel social ocupado pela mulher ao longo dos séculos, sobretudo entre o XIX e XX, a fim de percebermos como o comportamento da protagonista é forjado pela sociedade de modelo familiar burguês.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conto *A imitação da rosa*, publicado no livro *Laços de família* (2009), narra, em terceira pessoa, a história de Laura, uma mulher de classe média, cuja vida é delimitada aos cuidados da casa e do marido, Armando. O enredo tem início com Laura esperando o marido chegar do trabalho para irem jantar fora com um casal de amigos, Carlota e João, como há muito tempo não faziam.

Contudo, nesse jantar, conta-nos o narrador, o marido “esquecido de sua mulher” ocupar-se-ia em “conversar com outro homem sobre o que saía nos jornais”, enquanto Laura conversaria com Carlota “sobre coisas de mulheres”, recebendo “a desatenção e o vago desprezo da amiga” (LISPECTOR, 2009, p. 34). Já no começo do conto é possível perceber as diferenças que há entre Laura e Carlota, as quais vão ficando ainda mais evidentes no decorrer do conto. Vejamos: “A reação das duas sempre fora diferente. Carlota ambiciosa e rindo com força: ela, Laura, um pouco lenta, e por assim dizer cuidando em se manter sempre lenta; Carlota não vendo perigo em nada. E ela cuidadosa” (LISPECTOR, 2009, p. 35-36).

Embora ambas personagens sejam mulheres e pareçam ocupar o mesmo lugar social, de submissão, silenciamento e resignação, percebe-se, na narrativa clariceana, que elas são consideravelmente diferentes. Laura estivera sempre preocupada em manter sua postura recatada, enquanto Carlota não estava tão preocupada em seguir/obedecer padrões preestabelecidos socialmente, e por causa desse comportamento era considerada uma transgressora, aos olhos de Laura, cujos valores estavam arraigados aos da família burguesa, da sociedade oitocentista.

O discurso sobre a ‘natureza feminina’, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como *força do bem*, mas quando ‘usurpadora’ de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como *potência do mal* (TELLES, 2010, p. 403).

Carlota, portanto, era essa potência do mal, uma vez que não se comportava com delicadeza; desprezava a vida rotineira que Laura mantinha e as suas preocupações com os afazeres domésticos. Laura, por sua vez, sempre preocupada em manter-se ocupada com as obrigações do lar; em manter-se resignada e silenciosa, para não incomodar ninguém com suas conversas ‘triviais’, “ela compreendia perfeitamente bem que suas conversas cansavam um pouquinho uma pessoa, [...] a empregada e ela conversavam muito, na verdade mais ela mesma que a empregada,

e ela também tomava cuidado para não cacetejar a empregada” (LISPECTOR, 2009, p. 41).

Percebe-se com isso que, embora Laura seja uma personagem feminina criada no século XX, já que o livro *Laços de família* é de 1960, a protagonista encarna o silenciamento que fora imposto às mulheres dos séculos passados, a fim de não aborrecer a empregada, não incomodar o esposo e não revelar sua vida íntima a Carlota, como comumente acontecia na sociedade oitocentista, uma vez que as mulheres “não podiam se expressar quando lhes era dito que deveriam se autossacrificarem pelos outros, que não deveriam fazer afirmações, deveriam se restringir a sugestões alheias” (TELLES, 2010, p. 423).

Tendo em vista que a nossa sociedade é moldada segundo o modelo familiar burguês, entendemos que Laura fora educada nesses moldes, assumindo o lugar de “a ajudante do homem, a educadora dos filhos, um ser de virtude, o anjo do lar” (TELLES, 2010, p. 402 - 403), vivendo sob a sombra do homem, limitada à vida doméstica, vivendo em prol dos outros, conforme os outros e para os outros. É em torno desse apagamento de si mesma que a personagem clareciana é construída, como se lê: [...] no cansaço havia um lugar bom para ela, o **lugar discreto e apagado** de onde, com tanto constrangimento para si e para os outros, saíra uma vez. Mas como ia dizendo, graças a Deus, **voltara** (LISPECTOR, 2010, p. 39 [grifos nossos]).

Apesar da colocação de Norma Telles (2010) se referir a mulher do século XIX, cuja cultura “se fundava em binarismo e oposições tais como natureza/cultura, pai/mãe, homem/mulher, superior/inferior, que relacionam em última instância a mulher com o outro, [...] o inferior a ser dominado ou guiado pela razão superior e cultura masculina” (TELLES, 2010, p. 403), é possível percebermos tais aspectos em Laura, visto que sua vida é pautada pelo matrimônio: “Ela, que nunca ambicionara senão ser a mulher de um homem, reencontrava grata sua parte diariamente falível. De olhos fechados suspirou reconhecida” (LISPECTOR, 2010, p. 37).

Utilizando-nos das palavras de Lajolo; Zilberman (1998, p. 263), o universo da mulher “ainda é o da família, da casa e do marido, ao qual cabe dedicar-se”. E isso pode ser evidenciado na narrativa clariceana, tendo em vista que Laura não assume outro papel na esfera social que não seja as atribuições do lar. O lugar ocupado por Laura é bem delimitado, sua vida está centrada nos afazeres domésticos, “o que lhe cabe é uma vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria” (TELLES, 2010, p. 403), é uma

relação de negar-se em prol do bem-estar do outro.

O lugar onde Laura se sente confortável é na sua casa, dentro do seu mundinho restrito, onde parece exercer algum poder, nem que seja o poder de organizar a casa, de dar ordens a empregada, de fazer lista de compras, etc. O lugar ocupado pela protagonista e com o qual ela se identifica é o lugar de apagamento. Por muito tempo esse foi o lugar dado às mulheres. É interessante perceber que Laura não consegue romper com este lugar, nem sequer cogita essa hipótese, pois a vida de dona de casa lhe parece muito mais confortável e cômoda, romper com essa condição social, provavelmente lhe geraria um intenso mal estar. Por isso, sente-se em paz ao voltar para casa, pois esta lhe dá a sensação de segurança.

“Oh como era bom estar de volta, realmente de volta, sorriu ela satisfeita. Segurando o copo quase vazio, fechou os olhos com um suspiro de cansaço bom. Passara a ferro as camisas de Armando, fizera listas metódicas para o dia seguinte, calculara minuciosamente o que gastara de manhã na feira, não parara na verdade um instante sequer. Oh como era bom estar de novo cansada” (LISPECTOR, 2010, p. 37).

Diante dos embaraços provocados pela saída com o marido e a volta para a sua ‘vidinha’ comum, Laura, cansada, senta-se no sofá da sala e depara-se a sua frente com um vaso de rosas, com as quais se identifica pelo seu silêncio, afinal “as rosas não falam”, como diria a música de Cartola. Contudo, a beleza e a tranquilidade das rosas causam desconforto a Laura, talvez porque elas consigam ser o que Laura não é. Decerto, é isso que faz a personagem-protagonista dar as rosas de presente a Carlota. Contudo, essa decisão não é nada fácil, antes gera nela uma espécie de sofrimento: “encolheu a mão retendo as rosas um segundo mais consigo – elas são lindas e são minhas, é a primeira coisa linda e minha!” (LISPECTOR, 2010, p. 49).

Entretanto, Laura é tão resignada que não se acha no direito de ter algo que lhe seja seu, afinal “uma coisa bonita era para se dar ou para se receber, não apenas para se ter. E, sobretudo, **nunca para se “ser”**. Sobretudo nunca se deveria ser a coisa bonita” (LISPECTOR, 2010, p. 47 [grifos nossos]). Este discurso do narrador enfatiza mais uma vez o lugar de apagamento que Laura ocupa e a sua subordinação em relação aos outros.

Considerando que as rosas causam grande inquietação em Laura, porque têm uma tranquilidade que ela não consegue ter, a protagonista decide dar as rosas a Carlota, pois além de se livrar da inquietação causada

pelas flores, ainda causaria uma boa impressão a Carlota e a Armando, pelo seu gesto de benevolência. Todavia, o preço para se libertar da inquietação causada pela presença das rosas parece ainda mais doloroso, pois a ausência das flores, em vez de dar-lhe alívio, revela-lhe um vazio existencial:

E as rosas faziam-lhe falta. Haviam deixado um lugar claro dentro dela. Tira-se de uma mesa limpa um objeto e pela marca mais limpa que ficou então se vê que ao redor havia poeira. As rosas haviam deixado um lugar sem poeira e sem sono dentro dela. No seu coração, aquela rosa, que ao menos poderia ter tirado para si sem prejudicar ninguém no mundo, faltava. Como uma falta maior (LISPECTOR, 2010, p. 50).

Ainda que a casa parecesse um lugar confortável, onde Laura sentia-se segura e em paz, o lugar da mesa, sem poeira, demarcado pela falta das rosas, metaforiza o lugar vazio que existe dentro da própria Laura, isto é, o lugar que parecia dar-lhe conforto agora também gera incômodo e inquietação, revelando-lhe que sua resignação em prol dos outros, no caso mais especificamente em prol de Armando e Carlota, não a fazia feliz. A renúncia de ficar ao menos com uma das rosas que estava dando a Carlota indica o quão subordinada estar ao julgamento de seu esposo e de sua amiga.

O lugar da mesa que demarca a falta das rosas, da poeira, indica a falta e o vazio interior vivido, mas talvez desconhecido, pela própria Laura. Desse modo, podemos afirmar que a ausência das rosas traz à luz aquilo que lhe faltava, aquilo que estava escondido nela mesma. Portanto, presentear Carlota com as rosas, muito mais que um gesto de gentileza e de impressionar a amiga e o marido, é um modo de fuga, de escapar daquilo que estava lhe incomodando, pois ao contemplar as rosas, na verdade, estava vendo a si mesma, ou melhor, aquilo que não conseguia ser, aquilo que lhe era escasso.

Nesse sentido, desprender-se das rosas, era desprender-se de suas inquietações, de tudo aquilo que as flores lhe provocara. Por fim, sem as rosas, podia sentar novamente tranquila e quieta no sofá, sem a agitação interior que estas haviam lhe provocado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da narrativa clareceana, é possível afirmar que a personagem Laura encontra-se imersa nos moldes da família burguesa, em que o lugar da mulher limitava-se às ocupações domésticas. Ela não rompe e

nem sequer cogita a possibilidade de romper com o sistema no qual está submetida, antes, rompe com aquilo que ameaça sua segurança, a exemplo de quando decide se desfazer das rosas.

A segurança propiciada pelo espaço domiciliar parece ser o suficiente para a personagem-protagonista se sentir confortável no lugar que lhe é permitido ocupar. De modo geral, os contos de Clarice, no livro *Laços de família* (2009), “questionam, com muita ironia, o modelo patriarcal, onde a mulher, condenada à imanência, fica reduzida ao espaço privado” (XAVIER, 2002, p. 160), como pudemos identificar em relação à Laura, no conto *A imitação da rosa*.

Nesse sentido, é possível afirmar que a escrita de Clarice Lispector “abre caminho para uma vertente narrativa de autoria feminina, cujos melhores frutos se concentram na década de 80” (XAVIER, 2002, p. 161), que embora questionem as relações de gênero, não apresentam soluções para os impasses criados (XAVIER, 2002). Laura diante de todos aqueles conflitos instaurados pelo seu relacionamento com Armando, com Carlota, com Maria, com as rosas, busca um ponto de equilíbrio e de segurança, mas sem sair do espaço do qual faz parte: “Ela estava sentada com o seu vestidinho de casa. Ele sabia que ela fizera o possível para não se tornar luminosa e inalcançável. [...] estava sentada no sofá sem apoiar as costas, de novo alerta e tranquila com num trem. Que já partira” (LISPECTOR, 2009, p. 53).

Isto evidencia que Laura sente-se confortável onde estar, pois está aparentemente tranquila. Parece-nos que, ao comparar a postura da protagonista no sofá como a de alguém num trem que já partira, o narrador enfatiza a impossibilidade de Laura voltar atrás, de assumir novas rotas, pois o trem preso a uma linha faz sempre o mesmo percurso, percorre sempre os mesmos caminhos, assim como é a vida de Laura, que não muda, mas que permanece presa ao caminho que lhe é permitido percorrer, fechada na esfera privada.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Constância Lima. **Na trilha literária das mulheres**. In: DUARTE, Constância Lima. (Org.). **Mulheres em Letras: antologia de escritoras mineiras**. Florianópolis: Mulheres, 2008.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.



LISPECTOR, Clarice. A imitação da rosa. In: _____. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 34-53.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *Histórias das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 401-442.

XAVIER, Elódia. A hora e a vez da autoria feminina: de Clarice Lispector a Lya Luft. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa. **Gênero e representação na literatura brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 157-166.

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br